

Editorial

“Nenhum Ser Humano é Ilegal”

(Elie Wiesel)

A frase que inicia este editorial, proferida inicialmente por Elie Wiesel, vítima do Holocausto deveria ser reconhecida como tão evidente que prescindiria de sua enunciação. Entretanto, mais do que nunca ela nos mostra, ainda que como um grito abafado, a necessidade de repensar as políticas públicas acerca das migrações, já que o que se observa no panorama internacional é a demonização do migrante, em uma verdadeira caça às bruxas.

O Grupo de Refugiados e Migrações Internas foi um Núcleo que buscou analisar a questão a partir de um ponto de vista diferenciado. Se o termo é o momento poético do pensamento, optamos por evitar observar a questão a partir de “fluxos migratórios”, ou “massa de refugiados”, pois tais conceitos distanciam-se da questão principal que atinge cada indivíduo, que por uma razão ou outra é deslocado de seu local de vida para outro local, desconhecido, assustador e onde na maioria das vezes é tratado como um inimigo, ou ainda, comparado com algo “ilícito”, como uma droga ou uma arma.

Assim, o foco principal do núcleo foi a dúplice: por um lado a pessoa do migrante, individualizado, como contraproposta a sua coisificação, e de outro as análises políticas do que causa a migração e como ela é vista nos países de recepção. Para tanto, foram estudados relatos de migrantes e assistidos filmes com narrativas reais de pessoas, cada uma com sua história, cada um envolvido com o difícil sacrifício de sair de seu mundo para (tentar) ingressar no desconhecido. Isto porque se por um lado podemos perceber que conflitos de várias ordens causam grande número de migrações, por outro, cada migrante tem a difícil escolha de partir. Ainda que uma multidão parta de sua terra, cada um tem um rosto que deve ser reconhecido.

Outros temas bastante trabalhados no grupo foram: a questão das causas da migração, que podem ser desde ambiental até guerras e pobreza,

além da questão do tratamento do migrante no país que o (mal) recebe. Todos estes pontos visam dar uma visão mais humana em uma área em que se vê muito tecnicismo e frieza. Pois se o direito internacional se estrutura com base em instrumentos normativos, os tratados, quem lida com direitos humanos tem a responsabilidade de ampliar seu horizonte para ver que em cada artigo, em cada inciso, há uma vida, uma história de pessoas que sofrem e que esperam alguma forma de proteção. Na lição de Joaquín Herrera Flores, os direitos humanos são “processos; ou seja; o resultado sempre provisório de lutas que os seres humanos colocam em prática para ter acesso aos bens necessários para a vida.”¹

O debate semanal foi enriquecido pela participação de um grupo de diferentes áreas, com diferentes perspectivas sobre o assunto, o que somente confirma o caráter emancipatório e libertador da educação técnica aliada à sensibilidade. Esta Revista é fruto destes ricos debates, com artigos com temáticas várias e grande profundidade e é com muito orgulho que compartilhamos os nossos esforços e comprometimento em compreender este mundo em migração. Agradecemos a participação de Alichelly Ventura da UFAM, das Professoras Paranaenses Vera Abagge, Carol Proner e da Coordenadora Docente do NDI, Professora Tatyana Friedrich, na qual agradecemos também a todos que participaram do Grupo e submeteram artigos.

Temos esperança que um dia seja desnecessário relembrar que nenhum ser humano é ilegal e que a frase de Wiesel possa representar um tempo enterrado no passado. E para encerrar, nós que trabalhamos com as fronteiras, físicas ou simbólicas, que tanto excluem, gostaríamos de lembrar que se as fronteiras podem nos separar, também podem unir:

¹ FLORES, Joaquín Herrera. *A (Re)Invenção dos Direitos Humanos*. Florianópolis: Boiteux, 2009. Tradução de Carlos Roberto Diogo Garcia; Antônio Henrique Graciano Suxberger e Jefferson Aparecido Dias, p.34.

“Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a ser fazer presente”².

Heloísa Fernandes Câmara;

Cássio Eduardo Zen

² HEIDEGGER, Martin. Building, Dwelling, Thinking. In: BHABHA, Homi K. *Locais da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 19